

Pulsões criativas



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

PAULO CESAR MONTAGNER

Coordenador Geral da Universidade

FERNANDO ANTONIO SANTOS COELHO



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO – DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN

FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES – IARA BELELI – JOSÉ DARI KREIN

MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA

SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

Suzi Frankl Sperber

*Pulsões criativas:
entre a ficção e a repetição*

EDITORIA
UNICAMP

SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Gardênia Garcia Benossi – CRB-8ª / 8644

Sp36p Sperber, Suzi Frankl, 1939-
Pulsões criativas : entre a ficção e a repetição / Suzi Frankl Sperber –
Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2026.

1. Estética. 2. Neurolinguística. 3. Psicanálise. 4. Pulsão de ficção.
5. Fabulação. I. Título.

CDD – 111.85
– 401.9
– 150.195
– 801

ISBN: 978-85-268-1928-3

Copyright © by Suzi Frankl Sperber
Copyright © 2026 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade da autora e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.



Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Agradecimentos

Agradeço!

Agradeço a minha mãe, que me ajudou a viver.

Agradeço a meu marido e a meus filhos Carlos e Lúcia, cujas vidas dão, deram, darão sentido à minha vida.

Agradeço a Jeane, amiga, esposa de meu filho, seu olhar atento, sua presença, sua colaboração sempre generosa.

Novamente e sempre agradeço a Antonio Candido, que norteou tudo, a distância.

Agradeço a George, que deu nome à pulsão de ficção, sendo meu impulso para o que de mais próximo tenho da plenitude.

Pego esta vida humana que está aí, o escravo, e vocês verão que ele sabe tudo. Basta despertá-lo. O Mênon mostra como se faz para sair a verdade da boca do escravo, isto é, de qualquer um, e que qualquer um possui as formas eternas. Se a experiência presente pressupõe a reminiscência, e se a reminiscência resulta da experiência das vidas anteriores, é necessário que essas experiências também tenham sido conduzidas com a ajuda de uma reminiscência. Essa recorrência não tem motivo para acabar, o que nos mostra que se trata, de fato, de uma relação com formas eternas. É o seu despertar no sujeito que explica a passagem da ignorância ao conhecimento.*

* No original: “Je prends cette vie humaine qui est là, l’esclave, et vous allez voir qu’il sait tout. Il suffit de l’éveiller. Le Mênon montre comment on fait sortir la vérité de la bouche de l’esclave, c’est-à-dire de n’importe qui, et que n’importe qui est en possession des formes éternelles. Si l’expérience présente suppose la réminiscence, et si la réminiscence est le fait de l’expérience des vies antérieures, il faut bien que ces expériences aient aussi été menées à l’aide d’une réminiscence. Cette récurrence n’a pas de raison de se terminer, ce qui nous montre qu’il s’agit en effet d’un rapport à des formes éternelles. C’est leur éveil dans le sujet qui explique le passage de l’ignorance à la connaissance” (Sócrates, “Menon”, *apud* Lacan II, 1978, p. 26. Minha tradução).

Sumário

1. Oralidade: do cru ao cozido	11
2. Dos universais – ou do que é comum aos humanos	15
3. A efabulação.....	27
4. Um outro olhar sobre a pulsão de ficção.....	43
5. Os neurônios-espelho estão conectados à empatia	45
6. O outro	47
7. Repetição.....	49
8. A questão dos nomes e seus conceitos.....	55
9. A reciprocidade constitutiva de sentido.....	67
10. Também faço <i>ritornellos</i>	69
11. <i>Wissenstrieb</i> : O desejo de conhecer.....	71
12. A língua fala a língua.....	77
13. Reciprocidade constitutiva de sentido na manifestação e produção adulta.....	85
14. Pensando em extensão, trabalhos e cursos	97
Notas.....	99
Referências.....	113

Oralidade: do cru ao cozido

A passagem da oralidade pura para a escrita ocorreu em tempos históricos diferentes, conforme a cultura em questão. Sumérios, fenícios, egípcios, chineses, japoneses, gregos, cada um desses povos tem o seu momento de introdução da escrita. O alfabeto ugarítico, que usa sinais cuneiformes, é do século XIV a.C. Há outros alfabetos, como o glagolítico, o cirílico e o ideográfico.^{1,2} A escrita árabe é um *abjad* (ou consonantário) – a saber um sistema de escrita no qual os símbolos representam consoantes, deixando ao leitor que interprete e complete com a vogal apropriada o símbolo escrito –, assim como a escrita israelense, chamada de *Alef Beit*. No Ocidente os sistemas de grafismo passaram a ser considerados menos desenvolvidos do que o sistema alfabético, tornando-se preferidos em relação àqueles. No Japão e na China até hoje se usa o ideograma. No entanto, quer o recurso da escrita seja o ideograma, quer seja o alfabeto, é o todo da informação – ou do relato – que pretende ser referido por quem faz uma enunciação. O texto não significa apenas a si mesmo ainda que seja sucinto, ainda que reduzido a uma palavra. Expande-se em conotações que são apreendidas e associadas pelo receptor, seja ele ouvinte ou leitor. A palavra condensa uma ampla gama de sentidos, cuja explicação poética corresponde, talvez, a “Rose is a rose, is a rose, is a rose”, verso inserido no poema “Sacred Emily” (1913), escrito pela poeta estadunidense Gertrude Stein (1874-1946).³ Esse verso resume toda uma poética renovadora na condensação da beleza pela e na palavra – e pela repetição. Lembremos que o verso seguinte do poema é “Loveliness extreme” (= graça extrema). Enquanto o verso de Gertrude Stein revela, na necessidade de explicação, a abrangência virtual dos sentidos de “rose”, ao trabalhar com a repetição, fecha as possibilidades de associação abertas pela enunciação da palavra “rose” isolada.

*Sacred Emily**Argonauts.**That is plenty.**Cunning saxon symbol.**Symbol of beauty.**Thimble of everything.**Cunning clover thimble.**Cunning of everything.**Cunning of thimble.**Cunning cunning.**Place in pets.**Night town.**Night town a glass.**Color mahogany.**Color mahogany center.**Rose is a rose is a rose is a rose.^{4,5}*

Ou

Vou-me embora pra Pasárgada

Manuel Bandeira

Vou-me embora pra Pasárgada

Lá sou amigo do rei

Lá tenho a mulher que eu quero

Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada.⁶

A enunciação de uma palavra isolada pode abrir-se para tantas associações, que estas chegam a constituir todo um texto virtual. Esse universo virtual é facultado pela ação e pela palavra do emissor, mas, se existe algum ponto de encontro em que há uma textualização, este estará no receptor. Tomemos o texto-palavra “Deus” e encontraremos nele uma série de implícitos, verbalizáveis conforme o emissor – ou receptor. O ferido que tartamudeia “água” reduz o seu texto por falta de forças físicas. Mas quer dizer todo um texto implícito, hipotético, ou pressuposto por mim agora: “Estou ferido e fraco. Tenho sede, mas não tenho forças para procurar água para mim. Espero que você seja caridoso e me traga água. Minha fraqueza é tal que nem consigo

enunciar mais do que a palavra água. Por favor, pelo amor de Deus, entenda e atenda”. O grito-pedido de “socorro” diz pelo menos: “Preciso de ajuda (socorro)”. O “princípio da totalidade” de um enunciado também preside a economia de um texto. Mesmo composto de uma palavra só. Portanto, na base da escrita, sempre está a oralidade. E, na base da oralidade, reside o desejo de enunciação de um discurso mais complexo.

Os estudos sobre oralidade apresentam algumas tendências: estabelecem características por oposição à escrita e atribuem a oralidade quer a manifestações populares, quer primitivas (entendidas, às vezes, as populares como primitivas), tomando-se o adulto como referência.

Dos universais – ou do que é comum aos humanos

Ao percorrer estudos sobre oralidade em busca de conceitos que pudessem servir de base para os estudos de língua materna, foi possível levantar alguns aspectos, como a repetição e outras características – que também são recursos da literatura. A definição de grupos diferenciados representa um risco de imobilização daquilo que se espera na recepção das diferenças, visto que sua concepção está baseada em “pré-conceitos” (e preconceitos), o que é tão confortável para as instâncias de poder, para quem as diferenças são apresentadas como negativas. Os redutos últimos da expressão são corpo e voz. Eles concentram alto grau de informação, que revela alto potencial de desenvolvimento virtual. Como promovê-lo? A partir de que plataformas? Aliás, o que carrega consigo essa virtualidade?: “a passagem da ignorância para o conhecimento” (“le passage de l’ignorance à la connaissance”). A saber, a virtualidade conduz o conhecimento e o processo para chegar a ele.

A fala de Sócrates (transcrita na epígrafe), tal como transmitida por Platão, tanto me sugere algo relativo ao idealismo platônico, já que pressupõe a reminiscência de um conhecimento pretérito, como me abre outra possibilidade. O escravo passa a representar o estado de carência socioeconômico-cultural ou física. Se basta despertá-lo, porque ele sabe *tudo*, virtualmente todos podem ter um desenvolvimento intelectual pleno, variando os graus dessa plenitude – ou as referências dos valores tidos como máximos e mínimos. Também pode estar sendo indiciado um conhecimento que teria pontos de contato com o que Jung chamou de inconsciente coletivo e que seria prévio ao desenvolvimento do indivíduo e comum a todos.

[...] deve-se mencionar que, assim como o corpo humano apresenta uma anatomia geral acima e além de todas as diferenças raciais, a psique possui um substrato geral que transcende todas as diferenças de cultura e consciência, ao qual designei

como o inconsciente coletivo. Essa psique inconsciente, comum a toda a humanidade, não consiste apenas em conteúdos capazes de atingir a consciência, mas em disposições latentes para certas reações idênticas. O fato do inconsciente coletivo é simplesmente a expressão psíquica da identidade, que transcende todas as diferenças raciais, da estrutura do cérebro. Nessa base é explicada a analogia, e mesmo a identidade, dos temas míticos em geral. As diversas linhas de desenvolvimento mental partem de uma tensão básica comum, cujas raízes se estendem até o passado. O paralelismo psíquico com os animais também se encontra aqui.

São – tomados de forma puramente psicológica – instintos comuns de representação (imaginação) e ação. Toda representação e ação consciente se desenvolveu a partir desses protótipos inconscientes e está ligada a eles especialmente quando a consciência ainda não atingiu um grau muito elevado de lucidez, isto é, quando, em todas as suas funções, depende mais de impulsos instintivos do que da vontade consciente, de afeto, do que de julgamento racional. Esse estado garante uma saúde mental primitiva, que se transformará em inadaptação tão logo surjam circunstâncias que exijam maior esforço moral. Os instintos só são suficientes para uma natureza que permanece idêntica a si mesma em integridade e magnitude.¹

A “psique inconsciente, comum a toda a humanidade”, corrobora a ideia de um potencial comum aos seres. Jung a define a partir do campo psíquico e é a garantia da semelhança dos mitos e de certa ação humana. Mesmo aceitando tão somente a existência de arquétipos, com a afirmação de Jung já teríamos pelo menos uma posição oposta à diferenciação de grupos humanos, na caracterização da oralidade – dicotômica em alguns casos. É certo que os estudiosos da oralidade se preocupam com o que há de diferente nos seres humanos, enquanto o suíço Carl Gustav Jung busca as semelhanças. Que é meu caso também.

Como as investigações sobre a mente humana, o pensamento, a aquisição de linguagem e de conhecimento – e o inconsciente coletivo – existem, por ser esse um universo de bastante mistério, tecerei ainda algumas considerações. O conceito (e a aceitação) de um inconsciente coletivo corresponde ao que entendo e proponho como pulsão de ficção.

A pulsão de ficção é impulso para o conhecimento a partir de uma experiência vivida com intensidade. Se inconsciente coletivo e pulsão de ficção fossem idênticos, não haveria “impulso”, porque o inconsciente coletivo já estaria aí, tranquilo e disponível. Não haveria busca de conhecimento. Nem haveria conhecimento diferenciado, porque todo ele se mesclaria num conjunto único chamado de inconsciente coletivo. Aristóteles e Locke acreditavam que todo conhecimento era proveniente da experiência. Em princípio,

a partir da hipótese da pulsão de ficção, sim, virtualmente todo conhecimento provém da experiência. Mas é óbvio que o conhecimento todo provém de grande pluralidade de experiências, e não todas as experiências são produtoras de um conhecimento relevante para a humanidade. A busca de entendimento – que é o motor da repetição, elemento da pulsão de ficção – ainda não corresponde à busca de conhecimento. Entendimento se relaciona ao universo particular, privado. O conhecimento está para o universo humano coletivo. Jung chamou de arquétipos os conhecimentos derivados do inconsciente coletivo, como a figura do pai, da mãe, do velho sábio, do *trickster*, do mago e do herói. Isto é, seriam imagens virtuais, comuns a todos os seres humanos. Sem dúvida, esses elementos ajudam a decifrar formulações, produtos das pulsões de ficção. Mas a pulsão de ficção, mesmo que tenha como componente algum arquétipo, símbolo especial, exprime algo cujo, digamos, objetivo é a manifestação do si próprio, bem pessoal e particular. Constituído também com algum elemento coletivo. Só assim o particular consegue ser compreendido. Porque feito do pessoal e do coletivo, a cuja mescla se atribui, mutuamente, sentido.

A ideia de um substrato comum – a hipótese da existência de universais nos humanos – teria a ver, embrionariamente, com a tese de Steven Pinker, psicolinguista do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), que considera que a linguagem é um instinto semelhante ou paralelo ao instinto da aranha para tecer sua teia. Ele apoia suas ideias em Darwin e Chomsky.

A linguagem não é a mais prodigiosa invenção cultural humana. Ela é uma peça da constituição biológica do cérebro. A linguagem é uma habilidade complexa e especializada, que se desenvolve espontaneamente na criança, sem qualquer esforço consciente ou instrução formal, que se manifesta sem que se perceba sua lógica subjacente, que é qualitativamente a mesma em todo indivíduo, e que difere de capacidades mais gerais de processamento de informações ou de comportamento inteligente.²

Procurarei explicar a trajetória feita por meu raciocínio para chegar à conclusão de que aquilo que a oralidade oferece como base para a sistematização do conhecimento necessário para a comunicação entre os humanos, tanto para a emissão como para a recepção de mensagens, ferramenta para a leitura e produção de textos, é, ao mesmo tempo, um substrato virtual existente em todos os seres humanos – e a base para a formulação do diferente, do particular e único. Nomeei esse substrato comum de “universais”. Por que

o plural? Porque é um conjunto de potencialidades inatas. A especificação de quais são esses substratos e como funcionariam interessa para o trabalho com a figuração, ou expressão – com o uso da linguagem, mesmo que utilizando apenas poucas palavras, ou mesmo antes de qualquer uso de palavras, mas com a expressão através do corpo: seu movimento, sobretudo (pensemos nos mudos, em sua gestualidade e, a partir dela, na criação de um alfabeto dos surdos – e surdos-mudos, este já para adultos); movimento dos membros, dos olhos, da cabeça, do corpo, enfim. Leiamos Bakhtin: “a forma linguística não tem importância enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente enquanto signo sempre variável e flexível. Este é o ponto de vista do locutor [e do emissor, propõe Bakhtin]”.^{3,4}

Em primeiro lugar, quero distinguir “universais” de “essências”.

Meu conceito de “universais” não concerne à distinção entre “essência” e “aparência”, nem à ideia platônica de “modelo” e “cópia”. Essas distinções operam no mundo da representação, que passa sempre por estatutos próprios, específicos, particulares. Ela tem e precisa ter um caráter desautomatizador, a fim de cumprir seu papel, na arte, de *desvelador do real*. Não se trata de uma realidade comum e idêntica. Trata-se de um potencial virtual para a expressão, a representação, o desvelamento da realidade, tal como apreendida, experienciada pelo emissor. Dito de outra forma, para especificar a diferença entre o vivido (que apreende o real) e sua expressão. Sua recepção só é verdadeiramente possível se, para além da circunstância, da exceção, da diferença, houver um potencial virtual comum para emissores e qualquer receptor, que garanta a possibilidade e o anseio enunciados por Adélia Prado, expressos como perenidade:

Para mim, o critério da verdadeira literatura, verdadeira prosa, poesia, até pintura, é a perenidade da obra. A verdadeira literatura funciona ontem, hoje, amanhã. O meu livro não pode perder o valor porque morri há cem anos. Esta qualidade perene independe do assunto sobre o qual versa o meu livro. É a forma o que faz a literatura ser literatura.⁵

A perenidade de uma obra só pode ser possível se houver leitores com dispositivos mentais semelhantes, que, independentemente do conhecimento da língua de origem do texto, permitam a leitura – de texto traduzido também –, sua compreensão e fruição. Tais dispositivos mentais seriam universais. Ou seriam as potencialidades comuns a todos os seres humanos: campo de encontros. De comunicação. Ainda que a própria Adélia Prado

defina a perenidade como equivalente ao uso da metáfora, ou da linguagem, ou da poesia, os exemplos que dá revelam que ela busca definir algo para o qual ainda não tem nome. Ela se refere aos livros sagrados, como a Bíblia e o Alcorão. Esses textos foram traduzidos – e o mais das vezes nem mesmo do original. Portanto, a poesia original, a metáfora original, foi apresentada de outra forma. Há algo forte, que chama com o dedo. É a simbolização. Esta utiliza algo que é universal, caso contrário esses textos não seriam mais recebidos. Essa simbolização recorre a figuras arquetípicas. Que, contudo, ainda que universais, disponíveis, virtualmente, facultam a expressão do próprio, do particular, do diferente. O conhecimento, a experiência seriam comunicáveis, mas não transferíveis tal qual. Porque a comunicação humana é extraordinária, vistas as diferenças pessoais, culturais, históricas, políticas, sociais e outras.

Há milhares de anos os seres humanos se comunicam entre si oralmente – ou através do que chamaríamos de rabiscos, já que não conhecemos o código, ou de desenhos, ou... Há muitos séculos o fazem por escrito; há muitas décadas se veem envolvidos nos sistemas de comunicação de massa; há quatro décadas se comunicam por internet pessoas das mais diferentes partes do mundo. O fato de isso tudo ter sido possível parece ser indício da existência de elementos universais – comuns – virtualmente acessíveis a todos, independentemente de nacionalidade, etnia, língua, origem, cultura. (Não me refiro a recursos técnicos, como a internet e os aparelhos que lhe dão suporte. Ou os algoritmos.) Seria, inclusive, o pressuposto da tradutibilidade das línguas, apesar de suas dificuldades. A existência de tais universais faz com que tanto a produção como a recepção de comunicações orais ou escritas, individuais ou massificadas, sejam virtualmente acessíveis a todos os seres humanos. Gadamer diz: “Que o movimento da compreensão seja abrangente e universal não é uma arbitrariedade ou uma extrapolação construtiva de um aspecto unilateral, mas está, antes, na natureza da própria coisa”.⁶

Gadamer também diz:

Agora estamos em condições de compreender que essa cunhagem da ideia do fazer da própria coisa, do sentido que vem-à-fala, aponta a uma *estrutura universal-ontológica*, à constituição fundamental de tudo aquilo a que a compreensão pode se voltar. O ser que pode ser compreendido é linguagem. *O fenômeno hermenêutico devolve aqui a sua própria universalidade à constituição ôntica do compreendido, quando a determina, num sentido universal, como linguagem*, e determina sua própria referência ao ente, como interpretação.⁷

Há fenômenos universais, “a constituição ôntica” é universal, a linguagem é universal, comenta Gadamer.

O conceito de universais – da linguagem como universal, de potenciais universais do ser humano – é produtivo, porque pressupõe que qualquer aprendiz ou interlocutor é um indivíduo virtualmente pleno e semelhante, em seus potenciais, a outros seres humanos de diferentes classes sociais, origens, espaços, tempos, religiões, gêneros, etnias... E sempre, não esqueçamos, é fundamental despertá-los!

Houve discussões acerca da existência ou não de universais. Horkheimer e Adorno localizaram um início desse debate no Iluminismo.

Assim como as imagens da geração a partir das águas do rio e da terra se tornaram, entre os gregos, princípios hilozoístas, elementos, assim também toda a luxuriante plurivocidade dos demônios míticos espiritualizou-se na forma pura das entidades ontológicas. Com as Ideias de Platão, finalmente, também os deuses patriarcais do Olimpo foram capturados pelo logos filosófico. O esclarecimento, porém, reconheceu as antigas potências no legado platônico e aristotélico da metafísica e instaurou um processo contra a pretensão de verdade dos universais, acusando-a de superstição. Na autoridade dos conceitos universais ele crê enxergar ainda o medo pelos demônios, cujas imagens eram o meio, de que se serviam os homens, no ritual mágico, para tentar influenciar a natureza. Doravante, a matéria deve ser dominada sem o recurso ilusório a forças soberanas ou imanescentes, sem a ilusão de qualidades ocultas. O que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento [...]. O esclarecimento é totalitário.⁸

A ideia de que não existem universais já serviu para a legitimação de relações de dominação e de desigualdade. É o que está também no estudo acima citado. Negar sua existência implica afirmar que a linguagem é sempre instrumento de dominação e de exercício do poder, aceitar que a comunicação é sempre uma via de mão única, que não admite brechas.⁹ E a mera comunicação não seria possível – ainda que a imaginemos com diferenças –, sendo que o interlocutor, justamente, não a admitiria. Ela estaria sempre irremediavelmente diferida e desviada, constituindo a mais fabulosa das ilusões humanas. Entraria aí a questão da realidade, dos referentes e dos estereótipos.¹⁰ Portanto, a ideia de realidade mesma pode ser debatida, confrontada com os “esquemas”, que viriam a ser os estereótipos aceitos socialmente. Por outro lado, como a condição fundamental para a comunicação consiste em suspender a indiferença pelo outro, relativa ao outro, “acordando” para o outro, com